



*Encontros à
luz do
Testamento de
São Francisco,
neste*

ANO JUBILAR FRANCISCANO

2026



WWW.OFS.ORG.BR

*Encontros à
luz do
Testamento de
São Francisco,
neste*

**ANO JUBILAR
FRANCISCANO**

2026



Preparado por Irmã Claudenice Sabadin, FCM
Arte e Diagramação: Ricardo Meneses (@ricardomeneses.adm)



WWW.OFS.ORG.BR

No contexto das celebrações dos **800 anos do Trânsito de São Francisco de Assis**, a família franciscana é convidada a voltar às fontes e a contemplar, com profundidade renovada, o legado espiritual deixado pelo Pobrezinho de Assis em seu **Testamento**. Não se trata de um texto nostálgico ou meramente histórico, mas de uma herança viva, capaz de iluminar o nosso modo de viver o Evangelho hoje.

Com o tema “**Francisco: homem de paz, irmão de todos**”, recordamos que Francisco não foi um homem romântico ou idealizado. Foi, antes de tudo, um homem **apaixonado por Deus**, profundamente enraizado na realidade. Como Cristo na cruz, conheceu a dor, o abandono e a fragilidade humana. Ainda assim, viveu com esperança radical, entregando-se com serenidade à **irmã morte**, confiando seu corpo à **irmã Terra** e sua vida ao Pai, na certeza da plenitude da vida eterna.

A celebração do **Trânsito**, tão cara à espiritualidade franciscana, nos ajuda a compreender a relação singular que São Francisco manteve com a morte: não como ruptura definitiva, mas como passagem. Para ele, a morte é irmã, criatura de Deus, que conduz à realização plena da vontade divina. Francisco alcançou o Reino; sua jornada terrena se completou e, com sua vida, ele continua a nos apontar o objetivo último da existência cristã: a comunhão plena em Cristo.

Neste Ano Jubilar, marcado também pelo reconhecimento universal da importância de São Francisco para a história da Igreja e da humanidade, somos chamados a **atualizar o carisma franciscano**, traduzindo-o para os desafios e modos de vida do nosso tempo. Este caminho não se dirige apenas aos frades ou fiéis cristãos, mas se abre também a pesquisadores, historiadores e a todos aqueles que se deixam tocar pela força humanizadora e evangélica de Francisco.

A vida cristã, como nos recorda o Testamento, não é um percurso individualista. É um chamado a viver o Evangelho **em fraternidade**, em comunidade, na escuta mútua, no serviço e na obediência amorosa à vontade de Deus.

Inspirados na celebração do Trânsito, estes **seis encontros** propõem um itinerário espiritual baseado nos momentos fundamentais do Testamento de São Francisco. À semelhança das seis estações vividas na Basílica Papal de Santa Maria dos Anjos, na Porciúncula, cada encontro convida à reflexão e à oração a partir de um eixo central, iluminado pelas **Fontes Franciscanas** e pelo **Evangelho**:

Misericórdia – reconhecer a ação gratuita de Deus que nos chama à conversão e ao amor compassivo.

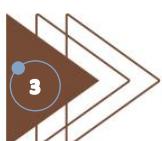
Oração – cultivar uma relação viva, simples e constante com o Senhor.

Fraternidade – viver como irmãos, acolhendo a diversidade e cuidando uns dos outros.

Trabalho – assumir o labor cotidiano como serviço, dignidade e participação na criação.

Paz – ser instrumento de reconciliação, justiça e diálogo no mundo.

Bênção – viver sob o olhar amoroso de Deus e ser bênção para os outros.



Que este itinerário seja um **recurso espiritual vivo**, capaz de tocar o coração, provocar conversão e renovar nosso compromisso com o Evangelho, seguindo os passos de São Francisco de Assis, homem de paz, irmão de todos.

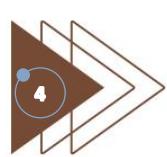
Cada encontro segue um roteiro composto por: **Tema; Eixo espiritual e ambientação; Palavra de Deus; Fontes Franciscanas; Reflexão; Dinâmica; Questões para a partilha; e Gesto final.**

Os elementos **Tema, Eixo espiritual e ambientação, Palavra de Deus e Fontes Franciscanas** foram pensados prioritariamente para o **momento de oração**, ajudando a Fraternidade a entrar em clima orante e a escutar o Espírito a partir da experiência espiritual de São Francisco.

A **reflexão**, a partir do tema de cada encontro, foi pensada para o **momento de Formação da Fraternidade**, podendo ser ampliada ou adaptada conforme a realidade, o ritmo e as possibilidades de cada Fraternidade local. Este roteiro foi elaborado, de modo especial, para **Fraternidades que não têm tanta facilidade de realizar uma formação sistemática a partir das Fontes Franciscanas**, e, nesta proposta específica, a partir do **Testamento de São Francisco**.

Já a **dinâmica, as questões para a partilha e o gesto final** estão orientados novamente para o **momento de oração**, favorecendo a interiorização, a escuta mútua e o compromisso concreto com a vida fraterna.

As Fraternidades sintam-se **livres para organizar e adaptar o roteiro** da forma que melhor ajude seus irmãos e irmãs a **intuir, celebrar e viver o Espírito do Trânsito/Páscoa de São Francisco**, segundo sua própria realidade e caminhada.



MISERICÓRDIA

1º
EN
CON
TRO

“E o próprio Senhor me conduziu entre eles e fiz misericórdia com eles” (Test 2)



Eixo espiritual: Reconhecer a ação gratuita de Deus que nos chama à conversão e ao amor compassivo.

Ambientação: Cruz de São Damião ou imagem simples de Cristo, Pedra ou pedaço de barro. (fragilidade).

Palavra de Deus: Lc 15, 11–24 (*Para o momento da oração*)

Fontes Franciscanas: Test 1 a 3 (*o início da conversão de Francisco*)
(*Para o momento da oração*):

1O Senhor deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência, assim: como estivesse em pecado, parecia-me demasiadamente amargo ver leprosos. 2E o próprio Senhor me conduziu entre eles e fiz misericórdia com eles. 3E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo, converteu-se em docura da alma e do corpo; e, em seguida, detive-me por um pouco e saí do mundo.

Reflexão: (*Para o momento da formação da Fraternidade*)

“O Senhor me conduziu até eles”: a misericórdia como iniciativa de Deus. No **Testamento**, Francisco não começa falando de si, mas da ação de Deus: “*O Senhor deu a mim, frei Francisco, começar a fazer penitência...*”. A conversão não nasce de um esforço moral heroico, mas de uma **graça recebida**.

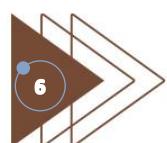
A penitência, para Francisco, não é mortificação vazia, mas **mudança de olhar**, deslocamento interior. Antes, “quando estava em pecado”, o simples ver os leprosos lhe era “amargo demais”. O leproso concentra tudo aquilo que o ser humano teme: a fragilidade, a exclusão, a degradação do corpo, a possibilidade da própria ruína.

Francisco reconhece algo essencial para o caminho espiritual: **o pecado não é apenas fazer o mal, mas viver afastado da realidade concreta do outro**, especialmente do outro ferido. O pecado o impedia de ver; a misericórdia o faz atravessar. E aqui está o ponto decisivo: “*o próprio Senhor me conduziu até eles*”. Não é Francisco quem escolhe os leprosos; é Deus quem o leva. A misericórdia, portanto, não é filantropia, mas **obediência**. Obedecer, aqui, é deixar-se conduzir até onde naturalmente não iríamos.

O limiar: do amargo à docura - Francisco descreve a travessia com uma imagem fortíssima: o que era “amargo” transforma-se em “docura da alma e do corpo”. Essa transformação não acontece **antes** do encontro, mas **atravessando-o**. Eis o “limiar seráfico” de que você fala.

Atravessar essa porta não é fácil porque ela nos desinstala. A miséria do outro revela a nossa. As feridas que vemos fora despertam as feridas que tentamos esconder dentro. Por isso é mais confortável manter distância, criar categorias, explicar o sofrimento como algo que pertence “a eles”.

Mas o Testamento revela uma verdade pascal: **a cruz não é o fim do caminho, é a passagem**. Francisco descobre que, do outro lado daquilo que mais temia, não o aguardava a destruição, mas a vida. A docura não vem apesar do sofrimento, mas **através da misericórdia vivida**.



Misericórdia que gera comunhão - Tomás de Celano aprofunda esse movimento quando afirma que Francisco não apenas visitou os leprosos, mas **viveu com eles**, servindo-os “em tudo por amor de Deus”. Aqui a misericórdia deixa de ser um gesto pontual e torna-se **forma de vida**.

Viver com os leprosos significa abandonar qualquer posição de superioridade. Francisco não os “ajuda de fora”; ele **entra na condição deles**. É o caminho da perfeita humildade: descer, aproximar-se, tocar, permanecer.

Esse movimento é profundamente evangélico e jubilar. No Ano Jubilar, somos chamados a atravessar portas santas, mas Francisco nos lembra que **a porta mais decisiva é o outro**, especialmente o outro ferido. Não há jubileu verdadeiro sem essa passagem.

Ano Jubilar franciscano: redescobrir a doçura esquecida. Hoje, como ontem, somos tentados a evitar os “leprosos” do nosso tempo, não apenas pessoas, mas situações, fragilidades, realidades que nos causam medo ou repulsa: a pobreza, a doença, o fracasso, a solidão, a própria sombra interior.

O Testamento nos convida a uma redescoberta contínua: “*Hoje também podemos redescobrir constantemente a doçura da alma e do corpo quando somos misericordiosos como nosso Pai é misericordioso.*” A misericórdia não nos empobrece; ela nos humaniza. Não nos enfraquece; nos reconcilia com nossa verdade. No limiar que tanto tememos, não nos espera o sofrimento absoluto, mas **Cristo escondido nas feridas do irmão**.

A experiência de Francisco permanece atual: quem foge da dor endurece; quem atravessa com misericórdia encontra doçura. Que neste Ano Jubilar franciscano tenhamos a coragem de deixar-nos conduzir pelo Senhor até os “leprosos” do nosso caminho. E que, como Francisco, possamos testemunhar que aquilo que parecia amargo pode, pela graça, transformar-se em **doçura da alma e do corpo**, sinal de um coração finalmente reconciliado com Deus, com o outro e consigo mesmo.

Dinâmica – “Chamados pelo nome” (Para o momento da oração)

Cada pessoa recebe a pedra/barro na mão. Em silêncio, recorda um momento em que se sentiu alcançada pela misericórdia de Deus.

Depois, quem quiser diz apenas: “*O Senhor teve misericórdia de mim quando...*” (sem explicar demais).

Questões para partilha (Poderá ser feita no momento da oração)

Onde percebo que Deus me ama gratuitamente?

Que resistências à conversão ainda carrego?

Como experimento a misericórdia na minha história pessoal?

Gesto final (Para o momento da oração)

Colocar a pedra aos pés da cruz.

Oração espontânea de gratidão.



ORA ÇÃO

2º
EN
CON
TRO

“Nós te adoramos, Senhor Jesus Cristo, em todas as tuas Igrejas, que estão no mundo inteiro, e te bendizemos porque pela tua santa cruz redimiste o mundo” (Test 5)



Eixo espiritual: *Cultivar uma relação viva, simples e constante com o Senhor.*

Ambientação: *Bíblia aberta, Vela acesa, Ícone ou imagem de Francisco em oração*

Palavra de Deus: *Lc 11,1–4 (Para o momento da oração)*

Fontes Franciscanas: Test 4 a 13 (Para o momento da oração):

4E o Senhor me deu tal fé nas igrejas para rezar e dizer simplesmente assim: 5Nós te adoramos, Senhor Jesus Cristo, em todas as tuas igrejas, que estão no mundo inteiro, e te bendizemos porque pela tua santa cruz redimiste o mundo. 6Depois, o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes, que vivem segundo a forma da santa Igreja Romana, por causa de suas ordens que, mesmo se me perseguissem, quero recorrer a eles. 7E se tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão e encontrasse sacerdotes pobrezinhos deste mundo, nas paróquias onde moram, não quero pregar além da vontade deles. 8E a eles e a todos os outros quero temer, amar e honrar como meus senhores. 9E neles não quero considerar pecado, porque neles diviso o Filho de Deus, e são meus senhores. 10E assim o faço porque nada vejo corporalmente do próprio altíssimo Filho de Deus, neste mundo, senão o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue, que eles recebem e somente eles ministram aos outros. 11E esses santíssimos mistérios quero honrar, venerar acima de todas as coisas e colocar em lugares preciosos. 12Onde quer que eu encontre os santíssimos nomes e suas palavras escritas em lugares indevidos, quero recolhe-los. E rogo que sejam recolhidos e colocados em lugar honesto. 13E devemos honrar e venerar todos os teólogos e os que nos ministram as santíssimas palavras divinas como aqueles que nos ministram *espírito e vida*.

Reflexão: *(Para o momento da formação da Fraternidade)*

A **oração** como dom recebido, não como conquista - No Testamento, Francisco não começa dizendo “eu fiz”, mas sempre “o Senhor me deu”: “*E o Senhor me deu tal fé nas igrejas...*” (Test 4) Esse detalhe é decisivo. Para Francisco, a oração não é fruto de esforço humano, mas dom gratuito da graça. Ele reconhece que a fé, a reverência e o amor pela Igreja lhe foram dados por Deus.

A oração não nasce da técnica, nem do tempo disponível, mas de um coração que se deixa alcançar e visitar pelo Senhor. Rezar é, antes de tudo, acolher um dom.

“**Tal fé nas igrejas**”: oração encarnada e eclesial. Francisco afirma que rezava em todas as igrejas, simples ou grandes, ricas ou pobres. A oração dele não era abstrata, mas encarnada: ligada a um lugar, ligada ao corpo, ligada à Igreja concreta.

“*Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas do mundo inteiro...*” - Aqui aparece uma espiritualidade profundamente eclesial: A Igreja como espaço da presença real de Cristo, a Igreja como mãe que guarda a fé, a Igreja como comunhão universal.



Neste ano jubilar é necessário, reprender a amar a Igreja como ela é, rezar com a Igreja e pela Igreja, viver a oração não isoladamente, mas em comunhão.

A Cruz como centro da oração franciscana: Francisco não separa adoração e Cruz: “...e vos bendizemos porque pela vossa santa Cruz remistes o mundo.” A oração de Francisco é cristocêntrica e pascal. Ele contempla: O Cristo glorioso, mas inseparável do Cristo crucificado. A Cruz não é peso, é fonte de redenção. Por isso, sua oração é: humilde, agradecida, profundamente confiante. Olhar a Cruz não como fracasso, mas como lugar de amor extremo, reconhecer que a salvação nasce do dom total de si.

Oração que transforma o olhar sobre Deus e sobre o outro – O Ponto central da oração em Francisco: “Cada momento passado com Deus nada mais era do que uma busca constante e apaixonada por nova perspectiva renovada sobre Deus, e sobre os outros.” **No Testamento, Francisco mostra que a oração o converteu:** converteu seu olhar, seu coração, suas relações. **Ele passa a ver:** Deus como Pai amoroso, a Igreja como mãe, todos os outros como irmãos e irmãs. Isso revela que: oração que não transforma o modo de olhar o outro não é oração plena; quem reza de verdade aprende a fraternidade.

Uma alma sedenta que se torna oração viva - Francisco não apenas rezava: ele se tornou oração. O Testamento deixa claro que sua vida inteira foi sendo moldada pela presença de Deus. Sua pobreza, sua fraternidade, sua alegria, sua misericórdia — tudo brota da oração. “Francisco próprio se havia transformado em oração viva para ele e para a Igreja.” **Aqui está o ápice:** a oração deixa de ser momento, torna-se estado de vida.

Para o Ano Jubilar Franciscano, isso nos chama a: passar de “rezar de vez em quando” para viver continuamente na presença de Deus; deixar que a oração molde nossas escolhas, palavras e gestos. Que fé o Senhor me deu? Como me coloco diante da Igreja? Que lugar a Cruz ocupa na minha oração? Minha oração me torna mais irmão/irmã? O que em mim ainda precisa ser iluminado e transformado?

Dinâmica – “Respirar o Nome” (Para o momento da oração)

Breve oração de silêncio:

Inspirar: “Senhor Jesus”

Expirar: “confio em Ti”

(2–3 minutos)

Depois, cada um escreve numa tira de papel ou apenas imagina mentalmente: “O que mais dificulta minha oração hoje?”

Questões para partilha (Poderá ser feita no momento da oração)

Como é minha oração hoje: obrigação, refúgio, encontro?

Que tipo de oração mais me ajuda?

O que preciso simplificar para rezar melhor?

Gesto final: (Para o momento da oração)

Escolher um pequeno tempo diário de oração concreta durante a semana.



FRA TERNI DADE

3º
EN
CON
TRO

“E o Senhor me deu irmãos
... viver segundo a forma
do Santo Evangelho” (Test
14)



Eixo espiritual: Viver como irmãos, acolhendo a diversidade e cuidando uns dos outros.

Ambientação: Círculo (sem mesas, se possível), Pão partilhado e uma cesta com os nomes dos irmãos

Palavra de Deus: Jo 13,34–35 (*Para o momento da oração*)

Fontes Franciscanas: Test 14 a 19 - (*Para o momento da oração*):

14E, depois que o Senhor me deu Irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho. 15E eu o fiz escrever com simplicidade e com poucas palavras e o senhor Papa mo confirmou. 16Os que vinham para receber esta vida, davam aos pobres *tudo o que podiam ter*, e estavam contentes com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com um cíngulo e bragas. 17E mais não queríamos ter. 18Nós, clérigos, rezávamos o Ofício como os outros clérigos; os leigos rezavam o *Pai-nosso*; e de muita boa vontade ficávamos nas igrejas. 19E éramos idiotas e súditos de todos.

Reflexão: (*Para o momento da formação da Fraternidade*)

Fraternidade como dom recebido e tarefa assumida. No Testamento, São Francisco não começa falando de ideais, mas de **experiência**: “O Senhor me deu irmãos.” Essa frase é central. A fraternidade, para Francisco, **não é uma escolha estratégica nem afinidade natural**, mas um dom de Deus. Ele não diz “eu escolhi irmãos”, mas *recebi*. Isso muda tudo. A vida cristã, vivida à luz do Evangelho (Jo 13), é essencialmente relacional: nasce do encontro com Cristo e se desdobra inevitavelmente no encontro com o outro.

No Ano Jubilar Franciscano, somos convidados a redescobrir essa verdade: **não caminhamos sozinhos para Deus**, mas juntos, com irmãos concretos, reais, diferentes, às vezes difíceis — exatamente como eram os irmãos de Francisco. O amor que se faz serviço, aceitação e perdão.

O Testamento revela que a fraternidade franciscana não é romântica nem ingênuia. Francisco fala de obediência, de limites, de cuidado com os irmãos doentes, de respeito aos ministros, de comunhão mesmo nas tensões. Isso mostra que **o amor evangélico não é genérico**, mas um amor encarnado:

- Amor que **serves**, especialmente os menores e os frágeis;
- Amor que **aceita**, mesmo quando o outro não corresponde às minhas expectativas;
- Amor que **perdoa**, porque sabe que a comunhão é sempre mais importante que a razão pessoal.

Aqui ecoa fortemente Jo 13: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.*” O “como” de Jesus é a cruz, o abaixamento, o lavar os pés. Francisco viveu isso até o fim, e seu Testamento é quase um último gesto de lavar os pés dos irmãos.

O gesto da paz: reconhecer o irmão amado por Deus. No espírito franciscano, o **gesto da paz** não é um rito automático, mas uma



profissão de fé: *Eu reconheço em você um irmão, alguém por quem Cristo deu a vida.*

Francisco desejava que os irmãos anunciassem: “O Senhor te dê a paz.” Essa saudação não era uma fórmula bonita, mas um programa de vida. Paz, para ele, não significava ausência de conflitos, mas **relações reconciliadas**, curadas pela misericórdia.

Num mundo marcado por ódio, guerras e desentendimentos — como você bem descreve — o Testamento nos provoca: **que tipo de paz estamos oferecendo na nossa vida fraterna?** Paz que silencia conflitos? Ou paz que nasce do encontro verdadeiro, da escuta, do respeito às diferenças?

Fraternidade como “festa das diferenças” - Um ponto muito atual da sua reflexão encontra eco profundo no Testamento: Francisco nunca quis uniformizar seus irmãos. Ele não eliminou as diferenças, mas as **acolheu dentro de um mesmo horizonte evangélico**.

A fraternidade, então, não é negação das diferenças, mas:

- **Encontro**, onde ninguém é descartado;

- **Festa**, onde cada um traz o que é;

- **Caminho comum**, onde todos buscam o mesmo objetivo: viver o Evangelho de Jesus Cristo.

Francisco ensinou que a verdadeira concórdia não nasce da imposição, mas da **humildade**, da minoridade, da disposição de colocar o outro acima de si mesmo. Isso é profundamente jubilar: é libertação do ego, da rigidez, do orgulho que divide.

Um apelo para o Ano Jubilar Franciscano à luz do Testamento, a Fraternidade, nos chama a uma conversão concreta:

- **Paz nas relações**, começando dentro de nossas fraternidades, paróquias e comunidades;

- **Paz nas igrejas**, sendo sinal de um Deus que é amor e comunhão;

- **Paz no mundo**, testemunhada por cristãos que escolhem o diálogo, o perdão e o serviço.

No Testamento, Francisco não deixa bens, mas deixa um caminho. Ele nos recorda que a fraternidade não é um ideal distante, mas uma prática diária, feita de pequenos gestos, de paciência, de reconciliação e de amor vivido até o fim.

Dinâmica – “O nome do irmão” (*Para o momento da oração*)

Cada pessoa sorteia o nome de alguém do grupo e reza silenciosamente por ela durante o encontro.

No final, entrega-lhe uma palavra de bênção simples.

Questões para partilha (*Poderá ser feita no momento da oração*)

O que mais fortalece nossa fraternidade?

Onde ainda somos fechados ou pouco acolhedores?

Como lidamos com conflitos e diferenças?

Gesto final – (*Para o momento da oração*)

Oração do Pai-Nosso de mãos dadas.



TRA BA LHO

4º EN CON TRO

“E eu trabalhava com minhas mãos e quero trabalhar e quero firmemente que todos os outros Irmãos trabalhem num trabalho honesto”
(Test 20)



Eixo espiritual: Assumir o labor cotidiano como serviço, dignidade e participação na criação.

Ambientação: Objetos de trabalho (caneta, enxada, crachá, ferramentas), Mesa simples

Palavra de Deus: Cl 3, 23 (*Para o momento da oração*)

Fontes Franciscanas: Test 20 a 22 - (*Para o momento da oração*):

20E eu trabalhava com minhas mãos e quero trabalhar; e quero firmemente que todos os outros Irmãos trabalhem num trabalho honesto. 21Os que não sabem trabalhar o aprendam, não pela cobiça de receber a recompensa do trabalho, mas por causa do exemplo e para repelir a ociosidade. 22E, se não nos derem a recompensa do trabalho, recorramos à mesa do Senhor, pedindo esmola de porta em porta.

Reflexão: (*Para o momento da formação da Fraternidade*)

O trabalho no Testamento de São Francisco: caminho de fraternidade e redenção. No **Testamento**, São Francisco não fala do trabalho como um simples meio de sobrevivência, mas como uma **escolha evangélica** profundamente ligada à fraternidade, à humildade e à dignidade humana. Quando ele afirma:

“Trabalhei com minhas mãos e quero, desejo trabalhar e desejo firmemente que todos os freis trabalhem com honestidade”, Francisco não está apenas dando uma norma prática, mas testemunhando um **estilo de vida**.

Para ele, o trabalho é expressão concreta da **minoridade**: o frade não se coloca acima dos outros, não vive às custas alheias, mas se reconhece irmão entre irmãos. Trabalhar é uma forma de permanecer no chão da realidade, partilhando a condição comum de todos os homens e mulheres.

Trabalho, dignidade e fraternidade universal

Francisco comprehende que a **capacidade de trabalhar** é dom de Deus e, por isso, responsabilidade. O trabalho significa porque permite ao ser humano participar da obra criadora e redentora de Deus, mas também porque cria laços: quem trabalha **entra em relação**, serve, comunica-se, constrói o bem comum.

Nesse sentido, o trabalho é um **antídoto contra o individualismo e a ociosidade estéril**. Não se trata de ativismo, mas de um labor que dá sentido aos dias e impede que o coração se perca em vazios que geram inquietação, conflito e fechamento ao outro.

Aqui ressoa com força o ensinamento de **2 Tessalonicenses 3,10**: “*Quem não quer trabalhar, também não deve comer.*” Não como condenação, mas como chamado à corresponsabilidade na comunidade.

Trabalho como serviço e caridade concreta - No espírito franciscano, o trabalho nunca é apenas para si. Ele é sempre **relacional e solidário**. Ao trabalhar, o ser humano:

- Provê o próprio sustento e o de sua família;
- Presta serviço aos irmãos e irmãs;



- Cria condições para exercer a verdadeira caridade, não como esmola humilhante, mas como partilha justa.

Por isso, Francisco recomenda que, se o salário não for suficiente, os frades peçam o necessário **como pobres**, sem se envergonhar, mas também sem se acomodar. O trabalho não exclui a pobreza; ele a **purifica**, libertando-a da dependência e do abuso.

O trabalho que humaniza e redime - No Ano Franciscano Jubilar, somos convidados a redescobrir o trabalho como **graça**. Trabalhar com as mãos, com a mente e com o coração nos torna mais humanos porque integra todas as dimensões da pessoa. O trabalho, quando vivido com amor e honestidade, faz florescer a humanidade ferida e fragmentada.

Francisco nos lembra que, assim, **participamos da própria obra redentora de Cristo**. Cristo trabalhou com mãos humanas, conheceu o cansaço, a rotina, o esforço silencioso. Ao trabalharmos com retidão, unimos nosso cotidiano simples ao mistério da redenção.

No espírito do jubileu, este momento nos convida a perguntar:

- Como tenho vivido o meu trabalho: como peso ou como vocação?
- Meu trabalho constrói fraternidade ou reforça desigualdades?
- Tenho consciência de que, ao trabalhar honestamente, participo da obra de Deus no mundo?

Que São Francisco nos ajude a redescobrir o trabalho não como maldição, mas como **caminho de santidade, fraternidade e esperança**, onde cada gesto simples pode se tornar louvor ao Criador.

Dinâmica – “Meu trabalho fala de mim” (*Para o momento da oração*)
Cada um apresenta brevemente o objeto que trouxe e responde: “O que meu trabalho tem de dom e de peso?”

Questões para partilha (*Poderá ser feita no momento da oração*)

Meu trabalho me humaniza ou me esgota?

Como posso viver o trabalho como serviço?

Que injustiças percebemos no mundo do trabalho?

Oração final - (*Para o momento da oração*)

Preces pelos desempregados e trabalhadores explorados.



PAZ

5º
EN
CON
TRO

“O Senhor me revelou que
disséssemos a saudação:
O Senhor te dê a paz” (Test
23)



Eixo espiritual: Ser instrumento de reconciliação, justiça e diálogo no mundo.

Ambientação: Ramo verde ou oliveira, Vela branca

Palavra de Deus: Mt 5, 9 (Para o momento da oração)

Fontes Franciscanas: Test 23 a 26 ou até o 34) (Para o momento da oração):

23º Senhor me revelou que dissésemos a saudação: O Senhor te dê a paz. 24 Cuidem-se os Irmãos de receber, de modo algum, igrejas, pequenas e pobres, habitações e tudo o que for construído para eles, a não ser que sejam como convém à santa Pobreza, que prometemos na Regra, nelas hospedando-

se sempre como estrangeiros e peregrinos. 25 Ordene firmemente pela obediência a todos os Irmãos, onde estiverem, que não ousem pedir algum rescrito à Cúria Romana, nem através de si ou de pessoa intermediária, nem em favor de uma igreja, ou de outro lugar, nem em vista de pregação, nem diante da própria perseguição corporal. 26 Mas, onde não forem recebidos, fujam para outra terra, a fim de fazer penitência com a bênção de Deus. 27 E quero obedecer firmemente ao Ministro-Geral desta fraternidade e ao Guardião que lhe aprouver dar-me. 28 E quero estar preso em suas mãos de tal modo que não possa ir ou fazer além da obediência e da sua vontade, porque ele é o meu senhor. 29 E ainda que seja simples e enfermo, quero, todavia, ter sempre um clérigo que comigo reze o Ofício, como está na Regra. 30 E todos os Irmãos

atenham-se a obedecer assim a seus Guardiões e a rezar o Ofício segundo a Regra. 31 E se encontrarem Irmãos que não rezam o Ofício conforme a Regra e querem varia-lo de outro modo e não forem católicos, então, todos os Irmãos, onde quer que se acharem, estejam obrigados pela obediência, lá onde se depararem com um deles, a apresenta-lo ao Custódio mais próximo do lugar. 32 E o Custódio esteja firmemente obrigado por obediência a guarda-lo fortemente, dia e noite, como um prisioneiro, de tal modo que não possa arrancar-se de suas mãos, até que o apresente pessoalmente às mãos de seu Ministro. 33 O Ministro, então, esteja firme na obrigação de envia-lo por obediência por meio de tais Irmãos que, dia e noite, o guardem como um prisioneiro, até apresentarem-no ao senhor de Óstia, senhor, protetor e corretor de toda a fraternidade. 34 E não digam os Irmãos: "Esta é outra Regra!" Pois esta é a recordação, a admoestação, a exortação e o meu testamento, que eu, Frei Francisco, pequenino, faço a vós, meus Irmãos benditos para que mais catolicamente observemos a Regra que prometemos ao Senhor.

Reflexão: (Para o momento da formação da Fraternidade)

"O Senhor me revelou que devíamos dizer esta saudação: Que o Senhor te dê a paz" - No **Testamento**, Francisco não fala de ideias abstratas, mas de **revelações concretas de Deus na sua história**. Quando ele afirma que "o Senhor me revelou", deixa claro que a paz não



nasce de uma estratégia humana nem de um ideal romântico, mas de uma **iniciativa divina**. A paz é, antes de tudo, **graça recebida**, não conquista pessoal.

No contexto bíblico, essa saudação é profundamente pascal: é a mesma paz que Cristo ressuscitado oferece aos discípulos com medo e fechados. Francisco compreendeu que anunciar a paz é **tornar presente o Ressuscitado** no meio das feridas do mundo.

Por isso, no Ano Jubilar — tempo de graça, reconciliação e libertação — essa saudação ganha força especial: **Deus continua revelando à Igreja que a paz é o seu dom mais urgente**.

Paz como caminho de conversão jubilar. O Jubileu, na tradição bíblica, é tempo de: libertação, reconciliação, restituição de relações, recomeço.

Francisco viveu tudo isso de modo radical. Sua paz não ignora conflitos, mas nasce de uma **profunda conversão interior**. Antes de ser pacificador, ele precisou deixar que Deus pacificasse seu próprio coração: curando o medo, a vaidade, o desejo de poder e de reconhecimento. **Não existe paz social sem paz interior. Não existe fraternidade sem conversão do coração.**

A paz franciscana é exigente porque passa pela cruz: perdão, despojamento, escuta e renúncia à violência — inclusive a violência das palavras, dos julgamentos e das exclusões. “A paz que proclamamos com os lábios...”. A advertência dos Três Companheiros é fortíssima e muito atual: “A paz que proclamamos com nossos lábios, que ela cresça ainda mais em vossos corações...”

Francisco tinha clareza de que a paz pode se tornar **discurso vazio**, se não for sustentada por: mansidão, coerência de vida, atitudes concretas de reconciliação.

Por isso ele alerta contra provocar ira e escândalo. Para ele, **escandaliza mais a incoerência do que o conflito**. A verdadeira paz atrai, não impõe; convence, não humilha; constrói, não domina.

- Nossas comunidades geram paz ou divisões?
- Nossa fé aproxima ou afasta?
- Nossas atitudes revelam misericórdia ou rigidez?

Paz como missão evangelizadora. Quando Francisco escuta o Evangelho da missão dos discípulos na Porciúncula, ele reconhece ali o **coração do seu chamado**. A paz não é apenas conteúdo da pregação, mas **o próprio método evangelizador**.

Evangelizar, para Francisco, é: entrar na casa do outro com respeito, reconhecer a dignidade de cada pessoa, abrir-se ao diálogo, como fez com o sultão, confiar que Deus age antes de nós.

Por isso a saudação “Que o Senhor te dê a paz” é um **programa de vida**: ela anuncia o Reino, cura feridas e desmonta lógicas de poder.

A paz que não é a do mundo - Francisco compreendeu profundamente que a paz de Cristo é diferente da paz do mundo: não é ausência de conflito, não é acomodação, não é silêncio imposto.

É uma paz que nasce da **verdade, da justiça, do amor, da liberdade e da reconciliação**. Ela não foge da realidade, mas a transforma a partir do Evangelho.



No Ano Jubilar Franciscano, somos chamados a: ser **artífices de paz** no cotidiano, construir fraternidade com gestos pequenos, semear esperança onde há cansaço e divisão.

O Testamento de São Francisco nos lembra que a paz: é dom que se acolhe, é caminho que se percorre, é missão que se assume.

Francisco nos confia essa herança não como um ideal inalcançável, mas como uma **vocação possível**, vivida na simplicidade e na fidelidade ao Evangelho. Que neste Ano Jubilar possamos, como ele, dizer com o coração inteiro: “**Isto é o que quero. Isto é o que desejo fazer de todo o meu coração.**”

Dinâmica – “Onde falta paz?” (*Para o momento da oração*)

Em pequenos grupos, listar situações de falta de paz: em mim, na família, na sociedade.

Depois, escolher **uma** para levar à oração.

Questões para partilha (*Poderá ser feita no momento da oração*)

Onde tenho dificuldade de ser pacificador?

Confundo paz com silêncio ou fuga?

Como a espiritualidade franciscana nos chama à paz ativa?

Gesto final - (*Para o momento da oração*)

Troca do abraço da paz (ou gesto respeitoso).



BÊNÇAO

6º ENCONTRO

“E todos aquele que observar estas coisas seja no Céu repleto com a benção do altíssimo Pai e, na Terra, repleto com a benção do seu dileto Filho, com o santíssimo Espírito Paráclito e com todas as virtudes dos Céus e com todos os santos” (Test 40)



Eixo espiritual: Viver sob o olhar amoroso de Deus e ser bênção para os outros.

Ambientação: Texto da Bênção de São Francisco, Luzes ou velas pequenas para cada um

Palavra de Deus: Nm 6, 22–26 (Para o momento da oração)

Fontes Franciscanas: Test 35 – 41 - (Para o momento da oração):

35O Ministro-Geral e todos os demais Ministros e Custódios, por obediência, estão na obrigação de nada *acrescentar* a estas palavras nem *tirar* algo delas. 36E tenham sempre consigo este escrito junto à Regra. 37E em todos os Capítulos que fizerem, quando lerem a Regra, leiam também estas palavras. 38E ordeno firmemente por obediência a todos os meus Irmãos, clérigos e leigos, que não façam glosas na Regra nem nestas palavras dizendo: “Assim devem ser entendidas”. 39Mas, como o Senhor me deu dizer e escrever simples e puramente a Regra e estas palavras, assim entendei-as de modo simples e sem glosas observai-

as até o fim em santa obra. 40E todo aquele que observar estas coisas seja no Céu repleto com a bênção do altíssimo Pai e, na Terra, repleto com a bênção do seu dileto Filho, com o santíssimo Espírito Paráclito e com todas as virtudes dos Céus e com todos os santos. 41E eu, Frei Francisco, pequenino, servo vosso, por tudo quanto posso, vos confirmo dentro e fora esta santíssima bênção.

Reflexão: (Para o momento da formação da Fraternidade)

A bênção como modo de existir - “**O Senhor te abençoe e te guarde**” não é apenas uma fórmula final; em Francisco, a bênção é **um modo de estar no mundo**. No Testamento, ele não deixa estratégias, nem estruturas, nem projetos de futuro. Ele deixa **uma experiência vivida**: ter-se deixado guardar pelo Senhor.

A bênção, para Francisco, nasce de um coração reconciliado com a própria história. Por isso a sua capacidade de **abençoar tudo e todos** — irmãos, criaturas, o próprio sofrimento, até a morte. No Ano Jubilar, somos convidados a perguntar: *tenho amaldiçoado minha história ou aprendido a abençoá-la?* Francisco nos ensina que só abençoa de verdade quem aceitou ser abençoado na própria pobreza.

Cristo pobre e crucificado: o critério - O Testamento é claríssimo: **o segredo da vida de Francisco é Jesus Cristo**, especialmente pobre e crucificado. Não é uma devoção sentimental, mas um **critério de discernimento**. Tudo passa por Ele: a forma de olhar o mundo, a maneira de se relacionar com os irmãos,

o modo de lidar com bens, poder, reconhecimento, até a compreensão da própria vocação.

No Ano Jubilar, isso nos provoca fortemente: *Cristo continua sendo o critério das minhas escolhas ou apenas uma referência espiritual genérica?* A bênção só é verdadeira quando passa pela cruz, quando



não exclui a fragilidade, quando não precisa negar a dor para ser luminosa.

Cada criatura como palavra de Deus - “Cada ser vivo é único e irrepetível. Cada existência carrega em si uma semente de luz.” Isso ecoa o coração do Testamento: Francisco reconhece que tudo é dom, tudo é graça, tudo procede do Altíssimo. Por isso, ele nunca se coloca como dono de nada — nem dos irmãos, nem da Ordem, nem do carisma.

No Jubileu, somos chamados a **recuperar esse olhar contemplativo**, que não reduz pessoas a funções, erros ou rótulos. A bênção é também **um olhar purificado**, capaz de ver a semente de luz mesmo onde o mundo só enxerga falha.

A bênção final: humildade extrema - Quando Francisco diz: “Eu, pequeno Frei Francisco, vosso servo...” ele não diminui a força da bênção, **ele a legitima**. A autoridade da bênção não vem do poder, mas da conformação a Cristo.

No Testamento, Francisco insiste: tudo o que viveu foi dom de Deus. Ele não se apropria nem da santidade. Isso é profundamente jubilar: reconhecer que **a misericórdia precede qualquer mérito**.

A cena narrada por Celano é comovente: Francisco frágil, doente, perto da morte, **ergue as mãos e abençoa**. Ele não controla mais nada — e justamente aí se torna plenamente livre.

Viver no temor do Senhor: permanecer Nele - “**Vivei no temor do Senhor e conservai-vos Nele sempre**.” Esse temor não é medo, mas **consciência amorosa** de que tudo vem de Deus e para Ele retorna. No Ano Jubilar franciscano, essa palavra se torna um chamado: voltar ao Evangelho como fonte, redescobrir a pobreza como espaço de liberdade, viver a fraternidade como bênção concreta, exercer a paciência como forma de amor.

Francisco não pede que os irmãos sejam perfeitos, mas que **permaneçam em Deus**. Essa é a grande graça jubilar: recomeçar, permanecer, confiar.

A minha vida tem sido uma bênção para os outros — por dentro e por fora?

Que, neste Ano Jubilar franciscano, aprendamos com Francisco a **abençoar com a própria vida**, não por sermos fortes, mas porque nos deixamos guardar pelo Senhor.

Dinâmica – “Ser bênção” (Para o momento da oração)

(Para o momento da oração)

Cada pessoa recebe uma vela acesa e completa a frase: “*Sinto-me chamado(a) a ser bênção quando...*”

Questões para partilha (Poderá ser feita no momento da oração)

Onde percebo a bênção de Deus na minha vida?

A quem sou chamado a abençoar, mesmo sendo difícil?

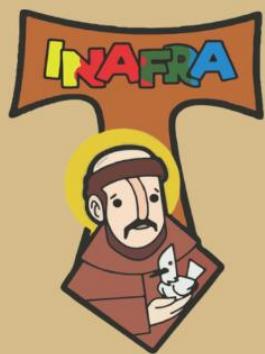
Que envio o Senhor nos faz hoje?

Envio final - (Para o momento da oração)

Rezar juntos a **Bênção de São Francisco**.

Entrega de um pequeno sinal (cordão, cruz, palavra bíblica).





@ofsdobrasil

www.ofs.org.br